

**Bernardina Maria de Sousa Leal**  
Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense – UFF, cedida Para a Defensoria Pública da União – DPU, Doutora em Filosofia da Educação Pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Pós Doutora em Teoria Literária pela Universidade de Brasília – UnB.

## Modos expressivos da defesa de direitos

### *Modes of expression for the defense of rights*

**Resumo:** O artigo aborda o papel da Defensoria Pública da União no âmbito das políticas de cultura considerando a exposição coletiva, a linguagem fotográfica e outros modos de expressão humana e sua relação à defesa dos direitos humanos vista sob uma perspectiva poética. Discute a criação de espaços de direito que incentivam formas expressivas e a relevância que o conceito de bem cultural tem adquirido nas políticas sociais brasileiras por sua importância em questões relativas à cidadania e aos direitos culturais.

**Palavras-chave:** Defensoria Pública; Política Cultural; Direitos; Expressão Artística; Formas Expressivas; Direitos humanos.

**Abstract:** *The article discusses the role of the Public Defender's Office in the context of cultural policies considering the exhibition, the language of photography and other modes of human expression and their relation to the defense of human rights seen from a poetic perspective. The creation of spaces for human rights that encourage forms of expression is also discussed, which is relevant to the concept of cultural goods in Brazilian social policies and its relationship to citizenship and cultural rights.*

**Keywords:** *Public Defense; Cultural Policy; Modes of Expression; Human Rights.*

### I. Entre lugares

A Defensoria Pública da União insere-se no âmbito das políticas de cultura de forma inovadora ao propiciar a criação de bens culturais. Elaboradas de modo contínuo, flexivo e interativo, em sintonia com o caráter solidário e participativo dos processos de produção, as peças artísticas apresentam-se. É essa relação dialógica que fundamenta a criação de bens culturais e amplia as oportunidades de ação na defesa de direitos.

Intentamos criar formas expressivas capazes de ultrapassar a mera denúncia informativa. Queremos evitar a banalização das violações de direitos diante da recorrência de fatos denunciados sem o devido cuidado e consequente mobilização. Buscamos promover modos de agir que sobreponham à cultura de exclusão, uma cultura de acolhimento e cuidado.

Traduzir é o desafio. Transpor, para a linguagem artística, em aventuras poéticas, responsabilidades institucionais; romper a hegemonia linguística que restringe o acesso ao direito; ampliar as possibilidades comunicativas de possibilidades de mediação de conflitos, de ações judiciais, de orientação jurídica. Impelidos a lutar pela manutenção de direitos adquiridos, apostamos na conquista de novos direitos.

É assim que poéticas visuais e escriturais têm configurado novos sentidos ao fazer institucional da Defensoria Pública da União. Para além da ambiência jurídica na qual se inserem as questões relativas à defesa de direitos, vislumbramos, na força expressiva da linguagem artística, profícuas possibilidades de ação.

As imagens criadas pelos fotógrafos envolvidos com as temáticas aqui apresentadas ilustram, de forma vigorosa, a capa-

cidade humana de transfigurar trabalho em obra. Triviais tarefas acadêmicas tornaram-se peças de grande valor expressivo, apreciadas por um público externo de aproximadamente duzentas mil pessoas em apenas uma das exposições. A rotina profissional de muitos operadores do direito passou a ser envolvimento sensível com o outro, aquele assistido institucionalmente. Com um pensar sensível sobre as vulnerabilidades humanas, cada pessoa envolvida no projeto artístico transformou habilidade individual em atitude solidária e, assim, ressaltou aquilo que nos faz promessas de um porvir: o vigor que cada um traz consigo.

A articulação com as poéticas visuais circunscreve um campo profícuo para o surgimento de respostas a questões sensíveis ao direito, em especial aos direitos humanos, mas também a indagações filosóficas e educacionais. As interfaces das imagens fotográficas instigam relações entre diferentes linguagens. Ao associar-se a outros meios, a imagem fotográfica deixa de ser apenas visual. Ela atua na expansão dos limites compreensivos de sua linguagem específica e faz proliferar sentidos capazes de gerar múltiplos acontecimentos. Em decorrência disso, no lugar movente do pensar que se abre, deslocamentos do visível podem ocorrer. Do visível para o escrito, da escrita para a música ou desenho, múltiplas formas expressivas podem fluir - desdobramentos de um fazer que constituem novos saberes e fazeres - *poiésis*<sup>1</sup>.

Os fotógrafos são artistas, mas também atores sociais, sujeitos políticos que se posicionam por meio de suas obras, que se colocam diante das dificuldades humanas partilhadas de modo compassivo e acolhedor. Atendem a um chamado, cada um a seu modo, tocados pelas demandas. Respondem artisticamente ao apelo lançado pelo outro, em sua proximidade ou diferença.

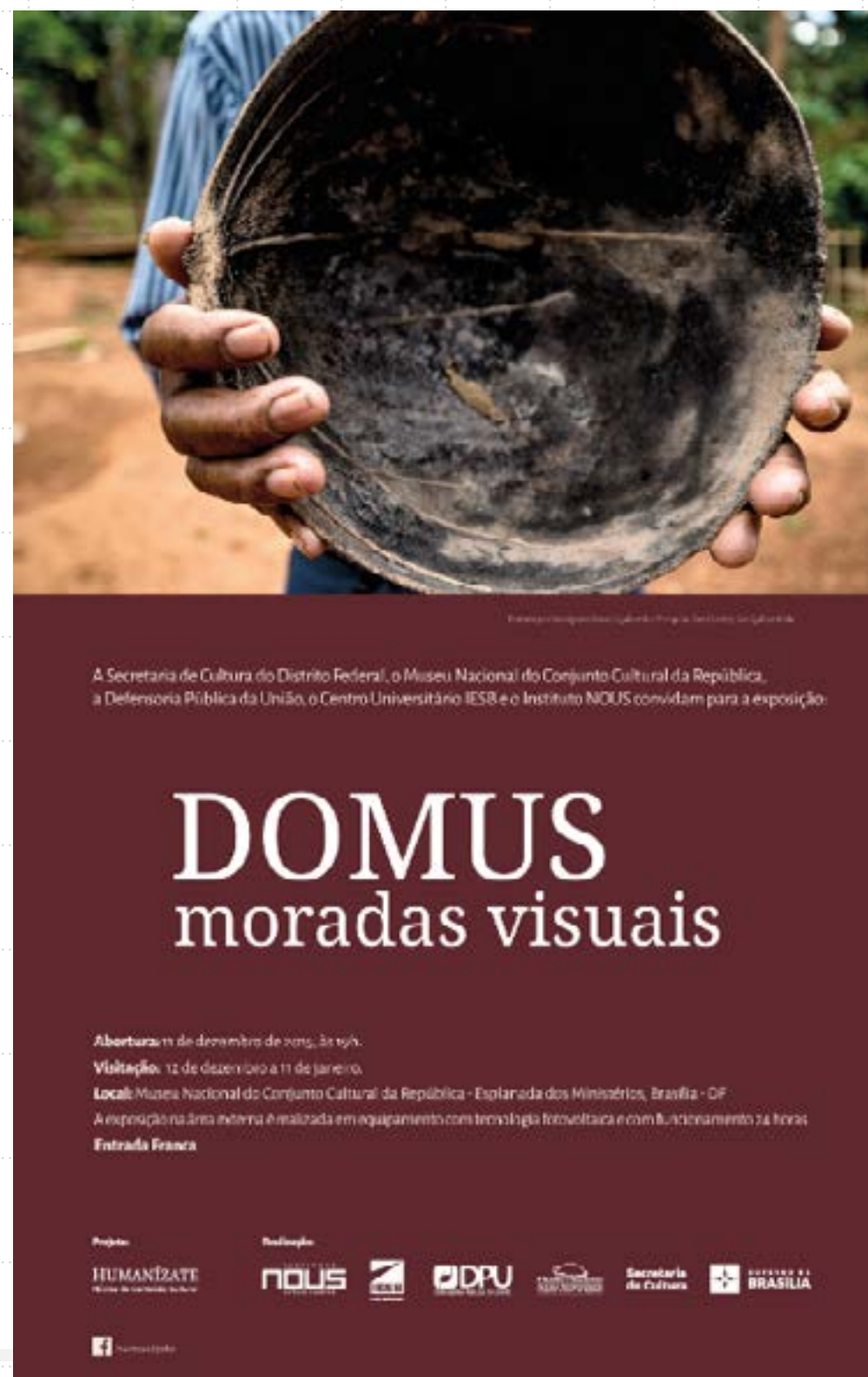
[1] *Poiésis*, substantivo que se forma do verbo grego *poiein*, assinala a ação de fazer diversificada, (CASTRO, 2006, s/p).

Assim são criados espaços de direito e incentivadas formas expressivas. Alinhados à relevância que o conceito de bem cultural tem adquirido nas políticas sociais brasileiras por sua importância em questões relativas à cidadania e aos direitos culturais, na economia e nos processos de formação, os trabalhos fotográficos em questão atestam a importância da abertura de espaços. Se um bem cultural pode ser definido por sua utilidade pública, mas também por seu poder simbólico, ele pode também vir a ser incorporado ao patrimônio cultural material e imaterial de uma sociedade. Consequentemente, além de demandar a infraestrutura necessária para sua guarda e conservação, ele poderá estimular processos de produção artesanal ou industrial. Esse bem cultural poderá, ainda, gerar visibilidades e acesso a outros bens.

Percursos imagéticos e verbais enriqueceram, de forma vívida, as relações intersubjetivas travadas na produção das peças artísticas ora apresentadas. Dessa articulação vital e vigorosa, saltos dados em vida, pela própria vida, quando renovada pelo poder da inventividade humana, emergiram. Situações de vulnerabilidade foram expostas de forma artística, para serem vistas (DERRIDA, 2012, p. 85), tocadas com os olhos. Apresentamos, então, uma pequena parte da última mostra *Domus – moradas visuais*.

## II. Poéticas Visuais

*Domus – moradas visuais* é a expressão, em imagens, da defesa de direitos – mostra fotográfica que apresenta temáticas enfrentadas pela Defensoria Pública da União, sob o olhar poético dos integrantes do Núcleo de Extensão Humanízate, do Instituto de Educação Superior de Brasília-IESB (Figura 1).



Cuidar da casa comum é o desafio. Partilhamos o lugar em que vivemos. Somos, portanto, solidários na responsabilidade coletiva de salvaguardar nossa morada. Diante de ameaças que violam nossos direitos, precisamos agir. Raras conjunções nos aproximam. Laços de ternura nos colocam junto com aqueles que sofrem injustiças. Zelar por essa casa de habitação exige um cuidado preferencial com os mais vulneráveis. Respeito e amor mútuos parece ser a senha. Precisamos encontrar um estilo de vida que nos permita habitar a mesma casa em partilha. Lugares únicos nos guardam.

Figura 1. Cartaz da exposição *Domus – Moradas visuais*, apresentado na área externa do Museu Nacional do Conjunto Cultural da República – Brasília, DF. Fonte: A autora.

## Comunidades Tradicionais

### Xenágoras Brasil:

O que é preciso para que as coisas existam e sejam como são? Este questionamento aristotélico permanece intrigante e motiva a investigação fotográfica “ser quilombola”. Na força de um povo, a identidade e simplicidade de uma pessoa: Mauro Melo. Ele sorri com o olhar de uma criança e marca sua passagem pela vida através do lugar, objetos e memória que constituem seu jeito singular de ser.

*Ser Quilombola*, Fotografia, Xenágoras Brasil, 2015.





### Povo de Santo

#### Katya Volpato:

Amar e respeitar o próximo são princípios de vida que sustentam este ensaio fotográfico. Pontos de intersecção vinculam diferentes expressões religiosas. Água, incenso, vela, mãos, rosto e pés ritualizam o sagrado e aproximam o humano. Na figura da doce mãe, o acolhimento da casa.

*Dora, fotografia, Katya Volpato, 2015.*

## Comunidades Indígenas

### Ravel Luz e Lucas Soneghet:

Os indígenas são plurais: origens e regiões diferem e caracterizam culturas. O que sabemos disso? Quanto nos aproximamos ou nos afastamos de nossos próprios valores culturais? Onde se localizam aqueles que julgam as questões étnicas? Que essas imagens possibilitem reflexões e nos conduzam na busca de respostas.

*Indígenas*, fotografia, Ravel Luz e Lucas Soneghet, 2015.



## Festas Populares

### Alex Amaral:

No conto que se conta do Quilombo Mesquita, o que resta de certeza, reconhecimento e identidade? Em meio a articulações políticas, os festejos populares resistem. A cultura do marmelo permanece e lembra, em caixinhas de madeira, o artesanal feitiço do doce de nobre sabor e valor alimentar.

*Festa do Divino, fotografia, Alex Amaral, 2015*





## Migração e Refúgio

### Érica de Sousa:

Sair, deixar o lugar, buscar outros territórios. Refugiados, aventureiros, empreendedores e mochileiros, cada um à sua maneira, encontram novos territórios e realizam sonhos de mudança. O cerrado brasileiro é, neste caso, o ponto de partida de uma viagem interior para diferentes personagens.

Fazer dessa terra também um lar é o desafio. Um sentimento os une: Saudade.

*Saudade*, fotografia, Érica de Sousa, 2015.



## Sistema Prisional

**Clara Molina e João Albuquerque:**

A violência é um enorme ciclo vicioso que carece ser interrompido.  
Ela deve ser percebida, prevenida e rompida, se já existe.  
Lutar pela dignidade da pessoa humana parece um bom começo;  
Buscar um tratamento penal humanizado, uma saída eficaz.  
Em vez de superpopulação nos presídios e incremento da criminalidade violenta, cuidado.  
No lugar de estéreis castigos e sofrimentos, procedimentos justos.  
Quem sabe, assim, possamos fugir das nossas prisões cotidianas,  
nossos cárceres.  
Pode ser até que nos aproximemos mais uns dos outros...

*Cárceres Internos, fotografia,  
Clara Molina e João Albuquerque, 2015.*



### Catadores (as)

#### Katarzyna Chiluta e Sabrina Oliveira:

Catadores e catadoras de materiais recicláveis prestam serviços de utilidade pública. Transformam o que é descartado em atividade laboral e diminuem a quantidade de materiais que ocupariam espaço em aterros e lixões.

Coletam, separam, transportam, acondicionam e, às vezes, beneficiam resíduos sólidos antes vistos como lixo. Constituem uma força empreendedora e intrigam modos de vida e consumo. Operam mudanças em hábitos.

Os objetos deixados pelo rastro de outros podem ressuscitar por suas mãos. Tornam-se o único possível hoje.

Restos do passado de muita gente mudam a vida dessas pessoas.

O que já foi consumido se renova.

Que vidas possam renascer com o encerramento das atividades nos lixões.



*Domus Mutante, fotografia,  
Katarzyna Chiluta e Sabrina Oliveira, 2015.*

### III. Poéticas Escriturais

Pensando na palavra como um bem produtivo capaz de gerar gente inventiva, inclusive de si mesma, escrevemos ensaios poéticos. Apresentamos um pequeno recorte do que tem sido o esforço em ilustrar, em palavras, o acolhimento das imagens fotográficas. Sem especificidades ou exatidões, no estado infantil em que as coisas ainda se misturam, se dissolvem e se transmutam. Um estado anterior àquele no qual já sabemos de antemão o que querem dizer as palavras. Um estado principiador, anterior à compreensão aproblemática do dizer. Aquele estado que é, a um só tempo, o estado comum e singular da experiência humana (LEAL, 2011, p. 56).



Figura 2. Fotografia por Xenágoras Brasil, 2015<sup>2</sup>.

[2] Imagem realizada no Quilombo Mesquita, localizado na fronteira entre o Distrito Federal (DF) e o município de Cidade Ocidental (GO), onde há um conflito territorial e ambiental em curso como consequência da especulação imobiliária intensa na região.

Salvaguarda de memórias, o Coité (Figura 2) segurado por mãos firmes, marcadas e marcantes, atesta o tempo passado. Sua forma circular de fruto bojudo, similar a uma bola, lembra a terra. Como um *domus*, nos remete a um lugar de habitação, uma casa. Nos instiga a assumir a responsabilidade por essa casa comum em que vivemos. Nos desafia a acolher diferenças.

Esse fruto, de beleza rudimentar, simples e misterioso, simboliza a busca poética por imagens capazes de nos fazer pensar sensivelmente sobre pessoas em situação de vulnerabilidade, gente que precisa lutar pelo direito de habitar esse *domus*.

O subtítulo da mostra fotográfica moradas visuais convida a uma demora, uma morada, a demorar-se, de-morar. Habitar, poeticamente, o mundo, parece ser o chamado. Há uma escuta a ser exercitada. A potencialidade comunicativa dessa imagem faz emergir um apelo à anterioridade, a uma hospitalidade simples. Sobreviver do que há, é a lição quilombola que essa imagem ensina. Resistência. O sublime direito de seguir sendo o que se é. Manutenção da cultura, território e história de comunidades.

Essa forma continente, parecida com um pote, transformada em objeto utilitário desde povos primitivos, produz ressonâncias. Quantas riquezas econômicas e culturais terá armazenado? No Brasil, cultivados ou silvestres, esses frutos constituem objetos utilizados por comunidades tradicionais, por sua leveza e funcionalidade enquanto recipientes naturais. Em diferentes nomenclaturas regionais esse fruto é conhecido por nomes populares: porongo, porunga, cuité, coité, cabaça-amargosa, cuia, taquera. Na região sul do país, acolhe a arte de matear, ato de tomar chimarrão e insere-se no ritual de circularidade, acolhimento e amizade que integram e identificam grupos. Na região norte, as cuias pretas de Santarém estão presentes no cotidiano de indígenas, quilombolas e ribeirinhos. São obras de

arte, mas também se apresentam como baldes, bacias, copos, pratos ou tigelas a guardar e servir comidas típicas.

Fruto mestiço e primitivo, associado à figura do gaúcho, mas também elemento identificador de povos habitantes da floresta nas regiões norte e centro-oeste, ou ainda tributo do modo de vida sertanejo, a cabaça acompanha tradições, valores e crenças no nosso país.

Imagem profícua, nos faz pensar sobre conter para carregar - possibilitar deslocamentos. Propiciar o movimento de alimentos secos ou de água, de mantimentos diversos e até de joias ou mais: sons, na antecipação de instrumentos musicais. E, ainda, proteger o corpo, a casa, a gente. Poderes mágicos presentes em narrativas, vivências e histórias são atribuídos às cabaças, como a ligação entre o homem, a natureza e o cosmos. Suas formas reforçam essa associação: os frutos apresentam uma protuberância em uma das extremidades, ligadas por uma haste vinculada à rama, como um cordão umbilical. E quando secas, bem leves, estão prontas, à disposição. Transformam-se em colmeias portáteis para a produção do mel de abelhas Jataí e penduradas em postes ou galhos de árvores, abertas, aninham aves. Parecem nos dizer que é no vínculo com a natureza que se mantém a tradição.

Com conotação mística, utilizado em rituais e práticas espirituais, o fruto inteiro e fechado é considerado portador de magia e poder, objeto de culto, em manifestações religiosas afro-brasileiras. Aberto, abriga plantas, alimentos e bebidas sagradas. Na Guiné Bissau portam objetos em cerimônias religiosas que vinculam pessoas e potencializam relações afetivas.

Tradição, arte e comunicação por meio da cabaça fazem parte do patrimônio cultural peruano. Como jóia ou livro circular, representa a mais antiga tradição artística nesse suporte natural. Considerado

mágico e misterioso, esse fruto dá suporte à arte narrativa denominada *mate burilado*. Nele são criados livros circulares com a arte de rendilhar imagens ou palavras na casca. Pesquisadores guatemaltecos da cultura pré-hispânica afirmam que o termo *jicara* - nome atribuído à cabaça na Guatemala provém da voz *nahua*. A raiz – *xi* significa umbigo e *calli* – casa, arca, caixa, vasilha, receptáculo. Como xícara, em português.

Pela circularidade da forma do fruto exposto na imagem, retornamos ao *domus* em que vivemos, convivemos. Situados nesse lugar de linguagem, pensamos o habitar. Pensar o lugar, a casa, nosso jeito de habitar, é pensar também o que conforma nosso pensar, o que nos contém e nos limita. A constituição da nossa casa implica em nossa própria constituição – simultaneidade espaço tempo - oxímoros poéticos a nos configurar.

Ora na forma de cúpulas abobadadas, também chamadas domos, existentes desde o Império Romano, representadas pela Igreja como *Domus*, cujo significado, lar, foi associado ao *Lar de Deus*, ora na forma atual de claraboia - vão ou abertura por onde entra a luz ou em qualquer das outras formas apresentadas, esse *Domus* nos intriga e nos instiga a novas inscrições.

Na forma de partilha, na aposta em possíveis encontros, nos inscrevemos. Na afirmação da vida mais intensa - *sobrevida* - buscamos saídas, passagens. O lugar que habitamos nos diz muito, nós também o dizemos. Percorrer esse lugar por meio de diferentes artes implica em acolher diferenças. Daí o convite a um passeio.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Moira Anne Bush. **Poética da Cabaça**: Fruto de Tradição, Arte e Comunicação. 2010. 187 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de

Artes, Universidade Estadual Paulista-UNESP. São Paulo, 2010, Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86937/bastos\\_mab\\_me\\_ia.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86937/bastos_mab_me_ia.pdf?sequence=1)> acesso em 13/11/2017. BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Roland Barthes).

CASTRO, Manuel Antônio de. Perguntas sobre a entrevista: Diálogo com Guimarães Rosa. A poética da poiesis segundo G. Rosa. In. **Travessia Poética**, 05-09-06. Disponível em: < <http://travessiapoetica.blogspot.com/2006/09/perguntas-sobre-entrevista-de-rosa-05.html> > Acesso em: 13 nov. 2017.

DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do visível (1979/2004). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

FUÃO, Fernando. Construir, morar, pensar: uma releitura de 'Construir, habitar, pensar', (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger. In: **Revista Estética e Semiótica**. Brasília, volume 6, número 1, p. 01-030, jan/jun, 2016.

LEAL, Bernardina. **Chegar à Infância**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2011. \_\_\_\_\_  
Modos Expressivos da Defesa de Direitos: a experiência da DPU no âmbito cultural. **Anais do VIII Seminário Internacional Políticas Culturais FCRB** – Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 2017.